

## Angelo Passos

Jornalista, escreve às sextas-feiras neste espaço

/// A participação da indústria no PIB caiu de 19,2% em 2004 para 13,3% no ano passado. E pode se reduzir a 9,3% em 2029, adverte estudo da Fiesp

# Um recuo perigoso

Em 1955, a indústria brasileira era tão incipiente que contribuía com apenas 13,1% na formação do PIB. Justamente por isso, Juscelino Kubitschek lançava em 1956 o bem-sucedido programa de industrialização chamado Plano de Metas.

E qual a fatia atual do setor fabril no PIB? Não por coincidência, 13,3%, percentual apurado em 2012. Praticamente igual ao de 1955, conforme mostra um estudo do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Fiesp. Não é volta ao passado, porque a necessidade de a indústria atuar como carro-chefe da economia é muito maior hoje do que há seis décadas. Portanto estamos pior. Mais atrasados, em termos proporcionais. O Plano de Metas de JK impulsionou período de crescimento acelerado, embora com efeito colateral – o elevado endividamento público. Nos dias atuais, temos dificuldade fiscal (gastança e dívidas governamentais enormes) sem bom crescimento.

Não é comparação. Só cabe lamentar.

No estudo “Por que reindustrializar o Brasil?”, a Fiesp ressalta que a participação industrial na economia diminuiu 30,8% entre 2004 e 2012. Assim, sua fatia no PIB caiu de 19,2% em 2004 para 13,3% no ano passado. E a projeção é assustadora: em 2029, o naco da indústria no PIB pode ser de apenas 9,3%, se não for colocado em prática um plano de reindustrialização – convenhamos, tarefa muito complexa, que exige estratégia de longo prazo. Mas é factível.

Reindustrialização passa por transferência de renda e realocação de investimentos. Por isso, uma das necessidades apontadas pela Fiesp é duplicar a renda per capita dos atuais US\$ 10 mil para US\$ 20 mil ao longo dos próximos 20 anos, com crescimento do PIB à taxa anual de 4%. Essa visão pressupõe uma série de reformas estruturais na economia para ser realista.

Vale alertar que, se não houver a revisão (implementação de marcos regulatórios, legislações tributária e trabalhista, e melhoria de infraestrutura), o ambiente econômico tende a se tornar cada vez mais inóspito à produção industrial – mesmo com algum sucesso das políticas pontuais de incentivo. Imprevisto é tiro no pé.

